

CHEIRO DE DESINFETANTE

Adriano Pereira Bastos

Pela primeira vez não senti o frio na barriga, tradição ao passar por aquele declive. Lembrei-me da infância, quando gostava de passar por ali só para sentir o peixe invisível mergulhando no estômago. Não sei dizer se era um peixe dourado ou daqueles de cor-de-alumínio cujo fado é repousar no gelo picado de balcão de mercado, sala de espera da frigideira, sem revistas datadas para se ler- e não sei por que eles ficam com aqueles olhões abertos, rapaz, se nada têm para ver. Então o futuro pulou o muro dos fundos e o cachorro nem latiu, enquanto postes tentavam esbofetear-me a despeito da vidraça do ônibus, e aquelas ruas nada significavam, a não ser ruas. Nuas. Porque se eu quisesse, podia pensá-las como gramados. Mas dificilmente é assim.

No futuro, reticências. E isso me deixa perplexo. Como verter em palavras o espanto? Como uma receita de bolo? Não. Demasiado simples. Mas quem disse que é para se entender? Provavelmente um Símpio. Símpio é um ser que fica no corredor de um neurônio e que gosta de entender e de ouvir rádio. Melhor seria se o que está aqui pudesse ser visto, como num filme, seria mais rápido, porque a leitura é dinâmica. Portanto, vou prosseguir com a escritura, ainda que a cena não se perpetue em mídia alguma, o problema é meu, e a perplexidade, idem. Se uma pessoa pode ter como mania estalar os ossos do joelho ímpar ou espalhar a correspondência pela mesa em sentido anti-horário, eu posso cultivar o meu plot como uma mania. Mania não, como um hábito, como tomar chá.

Antes disso tudo - quiçá depois -, Manú, que ignorava os Símpios, buscava no campo uma espécie nova de flor que havia visto há cerca de duas semanas atrás, à esquerda de uma árvore que mudava de lugar a cada três dias. Parece complicado, não para Manú, pois ela é sábia o bastante para ignorar o Simpiismo. Porém, nesse dia a que me refiro, ao invés da árvore nômade, Manú encontrou um homem que parecia muito ansioso. O cara tinha os cabelos grisalhos e segurava na mão direita uma folha de papel. Falou em espanhol, Manú pediu que falasse em português, embora tenha entendido, o homem riu de nervoso, olhou pro relógio- que estava parado, Manú percebeu a inércia dos ponteiros, a aura de peixe-cor-de-alumínio-de-mercado pairando sobre eles-, por fim disse o

homem depois desses dois gestos aparentemente infecundos: "Precisamos fazer algo, porque o céu vai se dobrar!"

Precisamos... fazer... algo...porque... o... céu... vai... se ...dobrar. Antes mesmo de poder questionar a afirmação do cara, só houve tempo- mesmo com o relógio do cara parado, mesmo com a nudez do pulso de Manú- de Manú franzir a testatão bonitinho quando ela fazia isso, que droga, que saudade que me dá, enfim...-, porque o sujeito prosseguiu:

- Veja, podemos reverter a situação, que é grave, não vou te enganar. Basta que você me responda algumas perguntas, certo?

- ... Certo- tão bonitinho quando ela dizia "certo", que droga, que saudade que me dá, enfim...

- Muito bem, apenas duas perguntas, ok?- ele parecia um pesquisador.

O homem demorou a começar o pequeno questionário. Não era a tal situação grave? Se era grave, se era urgente, qual a razão da demora? E o cara parecia cada vez mais tenso, gotas de suor começavam a brotar da testa, Manú achou-as semelhantes a cogumelos brotando de estrume, melhor ainda, lembrou dos cogumelos que viu num resto pútrido de cadeira de balanço de ébano abandonada no terreno dos fundos da casa da avó, as gotas que mal acabavam de escorrer e que já tinham substitutas, droga, o homem estava muito tenso, a coisa devia ser realmente feia, mas, nesse caso, por que não começava o diabolos do questionário?, eram apenas duas perguntas...

Ele começou, que bom, graças a Deus. Vejamos:

[Ler isto após o ponto final do texto: "Ei, legal, brother, tipo assim, parece um rocambole, o céu, o céu, o céu- substituir uma das vogais de uma das palavras, pt]

- Alfredo Moranga Portinho, jornalista e comerciante, participou de que revolução?

- Da Revolução das Telhas, em 1817- respondeu Manú.

- Si- disse o cara, olhando novamente para o relógio e em seguida para o céu. Agora a segunda questão: qual a sua maior mágoa?

- Minha maior mágoa foi... a de ficar sem entender os motivos do Pedro ter ido embora. Por isso vim pra cá e...

- Não!- berrou o sujeito.

- Sim senhor, por isso vim pra cá, como pode dizer que não?, não sabe nada da minha vida...

- Não, não, você tentou entender agora, e eles me disseram para procurá-la justamente porque você não dava ouvidos aos Símpios!!!

- Mentira, não tentei entender droga nenhuma, você tá me ouvindo? Hein? Hein?- Manú chorava e balançava o homem, segurando-o pelos ombros.

- Tarde demais...

Só sei que o céu ficou lilás. E que o disco solar ficou com um amarelo desbotado. E que veio um cheiro de desinfetante. E que eu fiquei imensamente triste. E que um barulho muito alto de papel sendo amassado machucou meus ouvidos. E que o formato do céu- se é que se pode dizer "o formato do céu"- ficou engraçado. Engraçado mesmo, porque ele se dobrou.